

Literatura de Macau

A Pluralidade na Singularidade e a Singularidade na Pluralidade

DAVID BROOKSHAW*

Antes de tentar qualquer definição da literatura macaense, convém considerarmos o que queremos dizer pelo termo ‘literatura’ além das categorias tradicionais de ficção, poesia e teatro. No contexto específico de Macau, por exemplo, existe, de longa data, uma imprensa em língua portuguesa (e evidentemente em chinês) e, portanto, uma tradição jornalística que não pode ser ignorada em qualquer estudo da literatura macaense. O jornalismo em Macau remonta ao início do século XIX, com a publicação dos primeiros jornais e periódicos em português na sequência da revolução liberal de 1820 (o primeiro jornal na China em língua europeia foi precisamente publicado em Macau em 1836, com o título de *A Abelha na China*). Os jornais defendiam diversas posições políticas, o que deu origem a uma tradição ensaística que continua até os nossos dias. Muitos dos jornalistas portugueses que se radicaram em Macau ao longo dos anos eram também professores e estudiosos da cultura local, sendo personalidades como Manuel da Silva Mendes e José Silveira Machado as figuras mais emblemáticas dessa tendência no século XX. Em segundo lugar, a situação de Macau, como ponto de chegada para muitos portugueses em funções oficiais ao longo dos anos e como ponto de partida para gerações de filhos-da-terra que deixaram a sua terra

natal à procura de melhores oportunidades, produziu, por um lado, uma literatura de reportagem e de viagens e, por outro, relatos autobiográficos, estes últimos de particular importância para uma apreciação da sensibilidade dos macaenses em relação ao seu passado e à evocação da sua terra natal através da memória. Nesta categoria podemos incluir os livros, publicados nos Estados Unidos, de Felipe B. Nery, *Filho de Macau (a Son of Macao): An Autobiography* (1988) e, muito especialmente, *The Wind amongst the Ruins: a Childhood in Macao* (1993), de Edith Jorge de Martini, ambos autores que parecem ter abandonado o português, pelo menos como meio de expressão escrita, assim como os poemas de Rita Lopes, residente na Califórnia, esses sim em português e publicados na imprensa de Macau e na internet.

Se aceitarmos, portanto, que a literatura macaense pode incluir toda a gama da escrita, temos também de considerar, antes de tentar qualquer periodização da produção literária, a questão fundamental da língua e da origem dos autores, problemática, aliás, discutida por Cheng Wai Ming 郑伟明 e por Ana Paula Laborinho entre outros. Em primeiro lugar, para determinar o que constitui a identidade macaense, devemos estar conscientes de que a esmagadora maioria da população neste antigo território português tem o chinês como primeira e muitas vezes única língua. Aqui, convém notar que a população de Macau, em 1999, consistia em 98% de etnia chinesa, a grande maioria desta percentagem oriunda de outras partes da China, isto é não nascida em Macau, sendo o resto composto de portugueses e macaenses – talvez uns dez mil, numa população que rodeava os 440 mil. Por isso, existe, como é óbvio, uma tradição de escrita sobre Macau

* Professor de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade de Bristol, Inglaterra. Autor de *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature – Border Gates* (2002), organizou a antologia *Visions of China: Stories from Macau* (2002). No âmbito da sua especialidade, interessa-se principalmente pelo discurso literário pós-colonial em Português e pela tradução literária.

Professor of Luso-Brazilian Studies at the University of Bristol, England. He is the author of Perceptions of China in Modern Portuguese Literature – Border Gates (2002) and compiler of the anthology, Visions of China: Stories from Macau (2002). His main specialist interests are in postcolonial literary discourse in Portuguese and in literary translation.

LITERATURA

nessa língua, que abrange escritores como Tang Xian Zu 汤显祖 (1550-1616), Wei Yuan 魏源 (1794-1857), e Zheng Guan Ying 郑观应 (1842-1922) que visitaram ou residiram na cidade ao longo dos séculos e que lá situaram parte da sua obra. Mais recentemente, muitos fizeram a sua aprendizagem como escritores na imprensa em língua chinesa que surgiu em paralelo à portuguesa. Desconhecidos pelo público leitor português, só nos últimos anos é que houve uma tentativa de



tornar alguns escritores contemporâneos chineses acessíveis através de traduções: *Sete Estrelas* (Antologia de Prosas Femininas) (1998) e *Olhando as Colinas* (2000) reunindo artigos e crónicas do autor Lou Mau. Por fim, a *Antologia de Poetas de Macau* (1999), organizada por Jorge Arrimar e Yao Jingming 姚京明, contém exemplos de poemas de escritores chineses ligados a Macau ao longo do século XX, com um número crescente de autores nascidos ou radicados na cidade nas décadas mais recentes. Uma obra que é importante mencionar aqui é a novela *Aoge de huanjue shijie* 奥戈的幻觉世界, publicada em 1999 e traduzida

para francês com o título *Les Hallucinations d'Ao Ge*, da autora Liao Zixin 廖子馨, residente em Macau embora nascida no Camboja. Esta novela é única na produção literária em Macau, já que se trata da visão de uma chinesa sobre a situação do macaense perante a sua dupla herança, nas vésperas da transferência de Macau para a China.

A interpretação mais liberal (ou plural) do que constitui a literatura macaense (na sua singularidade) seria aceitarmos todas as obras em quaisquer línguas que

tivessem como pano de fundo Macau: essa categoria poderia abranger entre muitos outros o romancista australiano Brian Castro, filho de um português de Xangai (e, portanto, vinculado também a Macau), nascido num barco entre Macau e Hong Kong, e cuja obra foca em parte a sua herança luso-asiática, especialmente no seu romance, *Shanghai Dancing*, mas também visível em *Pomeroy*, e articulada nos ensaios publicados com o título *Looking for Estrellita*; Timothy Mo, escritor também anglófono nascido em Hong Kong de pai chinês e mãe escocesa, com vários romances situados em Macau ou em que há personagens macaenses. Poderíamos também incluir o inglês Austin Coates, durante muitos anos juiz em Hong Kong, que tinha um interesse profundo pela história de Macau de que resultou o romance histórico, *City of Broken Promises* (1967), um modelo para outros romances publicados por autores portugueses de Macau na década de 90. Em anos mais recentes, o poeta e professor australiano Christopher Kelen publicou várias colecções de poesia e contos evocativas da sua vivência chinesa (entre outras, *Macao: A Map of the Seasons*), além de incentivar a produção literária de Macau em língua inglesa por parte dos seus estudantes universitários, através de um jornal literário electrónico, *Writing Macao*, e da criação mais recente de uma Associação de Estórias em Macau.

A contrapartida desta posição de “porta aberta a todos” seria aceitarmos apenas aqueles autores nascidos e criados em Macau como verdadeiros expoentes da literatura macaense. Neste caso, a lista seria bem mais curta e se limitássemos a definição àqueles textos escritos em ‘patuá’, a língua crioula de Macau conhecida também por ‘língua maquista’, ou ‘Doce Papiaçam’, então a lista seria menor ainda e poderia até só constar de um autor conhecido. Em qualquer debate sobre a literatura macaense deveríamos ficar sensíveis à origem dos autores e à questão linguística e, dada a natureza híbrida da cultura macaense e o carácter cosmopolita da sociedade que evoluiu em Macau ao longo dos séculos, a melhor solução talvez seja deixar a possibilidade de uma certa triagem, observando assim o espírito das palavras do macaense da diáspora, Frederic A. Silva, que afirmou que ser macaense é sobretudo um estado mental.

Para os propósitos deste artigo, o que nos interessa é a literatura escrita em língua portuguesa, sendo a justificação para isso o facto de a presença lusa na herança de Macau ser o elemento que dá a

LITERATURE

esta Região Administrativa Especial o seu contorno cultural específico em relação a outras partes da China. Além disso, quase cinco séculos de administração portuguesa deram uma certa continuidade à tradição de escrita sobre Macau em português, começando com a mítica passagem de Luís de Camões pelo território, na altura da fundação da cidade (passagem mítica e talvez por isso mesmo tão importante para a identidade portuguesa de Macau). Porém, aqui enfrentamos outro problema na questão da definição da literatura macaense – a origem dos autores que escreveram em português sobre Macau e a categorização das obras destes autores como pertencendo à literatura macaense ou à literatura portuguesa ou até à literatura colonial portuguesa. O período histórico, mais do que o período de residência, é o critério para decidir em que categoria colocar estes escritores. No início do século XX, por exemplo, Jaime do Inso, oficial da marinha passou alguns anos em Macau, mas manteve um interesse pela cultura chinesa até ao fim da vida. Inso escreveu o primeiro romance moderno ambientado em Macau, *O Caminho do Oriente* (1932). Apesar de manifestar um certo fascínio pelo Oriente (ou talvez precisamente por isso), esta obra, apesar de ter um interesse etnográfico e histórico, não passa de um romance colonial em que as personagens chinesas são retratadas de uma maneira estereotipada. Poder-se-ia dizer o mesmo de outro romance da mesma época, também de um oficial da marinha, *O Caso da Rua Volong* (1928), de Emílio de San Bruno, pseudónimo literário de Filipe Emílio de Paiva, que evoca a toponímia da cidade assim como as relações entre os macaenses, chineses e portugueses, mas, tal como o romance de Inso, é uma obra que elogia e realça o esforço colonial da parte de Portugal no território nas primeiras décadas do século 20. Estes dois romances foram premiados pela Agência Geral das Colónias, precisamente pela promoção que faziam da política colonial portuguesa (um dos critérios para justificar o prémio). Enquanto Inso e San Bruno faziam parte da missão colonial definida pelos teóricos da Primeira República e desenvolvida pelo Estado Novo, o caso de Camilo Pessanha era muito mais complexo. Pessanha, que viveu em Macau de 1894 até a sua morte em 1926, era um colonial que, pelo menos em parte, se indigenizou. Reconhecido como o maior expoente do simbolismo português, Pessanha já era poeta quando deixou a sua terra natal rumo ao Oriente. Foi, contudo, em Macau, onde trabalhou como professor e jurista,

que teve contacto directo com a poesia clássica chinesa que, com a ajuda do pai macaense de uma aluna sua, traduziu para português. Na sua vida pessoal, Pessanha também não se conformava com o protótipo do colonizador exemplar: coabitou com várias mulheres chinesas, aprendeu a falar cantonense com fluência e fumou ópio. Por outro lado, quando lemos os ensaios que escreveu sobre a civilização chinesa, muitas vezes textos de conferências que deu a um público ‘colonial’, deparemos com opiniões estereotipadas e negativas que parecem contradizer o amor e respeito que tinha pela tradição poética chinesa. Mais do que qualquer outra coisa, a obra de Pessanha, quer poética quer ensaística, reflecte as complexidades tanto da sua situação de exílio como de um colono que aprendeu a respeitar a cultura do “Outro”. Talvez seja por isso que o drama de Pessanha, o seu encontro com a alteridade, a fractura cultural daí resultante e o sentimento de deslocamento ainda despertem o nosso interesse numa época de movimentos migratórios em grande escala e de globalização.

Entre autores mais recentes cuja obra retrata o encontro das culturas ocidental e oriental podemos destacar Maria Ondina Braga e Fernanda Dias, que de certa forma continuaram a linha orientalista de uma poetisa da geração dos anos 20, Ana Acciaioli Tamagnini. A sua colecção de poemas, *Flor de Lotus* (1925), reflecte um certo fascínio exotista com o Oriente herdado dos neo-românticos de fins do século XIX, mas também típico do modernismo dos anos 20. A colecção é, além disso, um testamento da própria experiência da autora, esposa de um dos governadores mais conhecidos e progressistas de Macau, que viveu no território e morreu prematuramente aos 33 anos.

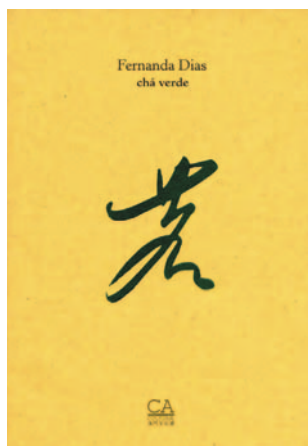
Maria Ondina Braga residiu em Macau entre 1961 e 1965 e foi profundamente afectada pelas suas impressões e observações da cultura chinesa, sendo isto especialmente evidente na colecção de contos que a tornou nome de referência em Portugal, *A China Fica ao Lado* (1968), e no romance *Nocturno em Macau*



LITERATURA

(1991) que possui pontos em comum com a obra de Marguerite Duras, nomeadamente, *L'Amant*. Enquanto a cidade retratada na obra de Maria Ondina é o burgo relativamente pequeno e provinciano dos anos 60, isto é, da última fase do regime salazarista, os contos e poemas de Fernanda Dias reflectem a experiência desta autora e artista plástica, residente em Macau durante quase 20 anos a partir de 1986, no período de transição entre as soberanias portuguesa e chinesa, período caracterizado por uma profunda transformação no aspecto visual da cidade com o *boom* da construção civil nas décadas de 80 e 90. Na sua poesia, especialmente nos poemas de *Rio de Ebru* (1999) e *Chá Verde* (2002), Dias manifesta uma identificação formal com a poesia chinesa, mas nos seus contos – *Dias da Prosperidade* (1998) – e em alguns dos poemas temos, pela primeira vez, a evocação dos laços emocionais entre a mulher europeia e o homem chinês, assunto tabu na literatura de feito colonial ou luso-tropicalista, que se centrava muito mais nas relações sexuais entre o colonizador e a mulher indígena.

Outro escritor residente em Macau durante quatro décadas, entre 1959 e 1999, foi Rodrigo Leal de Carvalho, o romancista mais prolífico do período de transição com seis livros publicados entre 1993 e 2001 (e mais um em 2005). Carvalho focaliza as vidas das diversas diásporas que se fixaram em Macau ao longo dos anos, manifestando alguma influência de autores ingleses como Somerset Maugham, Christopher New e Austin Coates. Entre os grupos de especial interesse para este autor é o dos refugiados russos brancos em Xangai nos anos 20 e, depois, em Macau, a partir da Guerra do Pacífico, tema do primeiro e penúltimo romance de Carvalho, *Requiem para Irina Ostrakoff* (1993) e *A Mãe* (2001), mas não ignora o tema da diáspora macaense nos Estados Unidos no seu romance épico, *Ao Serviço de Sua Majestade* (1996), a diáspora colonial em *Os Construtores do Império* (1994) e *O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres* (1999) e a diáspora chinesa em *A IV Cruzada* (1996), enquanto que no seu



último livro, *O Romance de Yolanda* (2005), introduz, não pela primeira vez na literatura de Macau, uma personagem filipina.

Os anos da transição, entre 1987 e 1999, constituíram um período em que houve um surto de actividades editoriais coincidente com a chegada de um maior número de portugueses, incluindo escritores, professores e jornalistas, muitos deles nascidos ou antigos residentes nas colónias africanas. Iniciativas editoriais independentes assim como a emergência de fundações privadas ou governamentais possibilitaram a publicação, através de subsídios, de obras literárias de autores como o já mencionado Leal de Carvalho, assim como obras de ficção de outros residentes como Josué da Silva, Isabel Henriques de Jesus, Carlos Morais José, António Augusto Menano, António Correia, Henrique Rola da Silva, Meira Burguete e Natividade Ribeiro e, na poesia, Jorge Arrimar, Fernando Sales Lopes, João Rui Azeredo, José Jorge Letria, Alberto Estima de Oliveira, Rui Cascais e Carlos Frota. Outros autores já de renome em Portugal também visitaram Macau por períodos mais ou menos extensos e escreveram ficção de temática local, entre os quais João Aguiar, com dois romances de 'suspense', *Os Comedores de Pérolas* (1992) e *o Dragão de Fumo* (1998), com pano de fundo o território na véspera da transferência da soberania, António Modesto Navarro, com o romance *As Portas do Cerco* (1992) que mistura história, biografia e ficção, e Agustina Bessa Luís, cujo romance *A Quinta Essência* (1997) evoca com rara sensibilidade as relações entre o macaense e a sua dupla herança cultural.

Era como se houvesse uma tentativa de dar a Macau uma identidade literária lusófona que de alguma maneira ajudasse a garantir o futuro da língua portuguesa depois do *handover*. Era também um pouco como a forte actividade literária que houve em Angola e até em Moçambique nos anos 60 com uma diferença fundamental: em África, a guerra das literaturas era o espelho da guerra militar que se fazia no mato; em Macau, não havia esse outro confronto. Mas mesmo assim, era uma literatura de circunstância, de certa forma produto do momento político que se vivia. Daí que, em África, a vida literária continuasse depois de 1975, com a criação das uniões e associações de escritores, apoiadas pelo Estado, o que simbolizava a vitória das literaturas guerrilheiras e punha a literatura ao serviço do projecto de criar um sentimento de identidade nacional. Na ausência dessa guerra em Macau, a produção literária

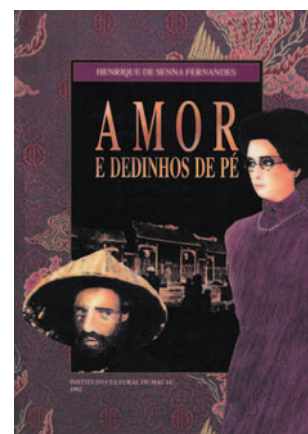
LITERATURE

parou quase completamente depois de 1999. Consciente disso, em 2004 houve uma tentativa de incentivar a actividade literária em português graças a uma iniciativa do jornal *Ponto Final* e da editora Livros do Oriente de publicar romances em seriado de cinco escritores, recorrendo à velha tradição folhetinesca.

Até agora considerámos principalmente os escritores nascidos em Portugal ou em outras partes do mundo lusófono que passaram por Macau ou se fixaram lá. Convém agora dar uma atenção especial àqueles autores nascidos em Macau a fim de estabelecermos a existência de uma tradição literária especificamente macaense em língua portuguesa. Enquanto houve casos isolados de escritores macaenses no século XIX, como, por exemplo, João Baptista de Miranda e Lima, ou, mais tarde, tentativas de reunir versos em edições artesanais como *As Trovas Macaenses*, compiladas por João Reis, o primeiro grupo coeso manifestou-se na década de 50, mais ou menos na mesma altura em que grupos de intelectuais nas outras colónias portuguesas, nomeadamente em Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé, começaram a explorar o nativismo cultural e literário. Porém, a diferença entre os afro-lusófonos e os macaenses era crucial. Enquanto muitos dos intelectuais africanos contribuíram para o discurso anti-colonial que levaria à formação de movimentos nacionalistas, tal evolução era muito mais difícil para os macaenses já que, para eles, a independência da sua terra natal dependia paradoxalmente da sua associação política com Portugal: os macaenses orgulhavam-se da sua identidade lusa como maneira de sobreviverem como grupo. Ao mesmo tempo, Macau emergiu da austeridade dos anos da Guerra do Pacífico com uma imprensa em língua portuguesa que incluía entre os seus colaboradores intelectuais macaenses, alguns dos quais iriam publicar livros. Entre estes, Deolinda da Conceição, uma das primeiras mulheres a exercer o jornalismo no *Notícias de Macau*, cuja página feminina coordenava, autora de contos que foram publicados em Lisboa com o título, *Cheong-Sam – A Cabaia* (1956),



e que evocavam com subtilidade, um pouco à maneira de Pearl Buck, a situação da mulher chinesa numa ordem social patriarcal e muitas vezes tendo como pano de fundo a guerra e a ocupação japonesa da China, que a autora conheceu directamente. O grupo incluía ainda Luís Gonzaga Gomes, tradutor e autor de muitos livros sobre a cultura chinesa de Macau, José dos Santos Ferreira (Adé, como era conhecido), o principal expoente da língua de Macau, o 'patuá', nos seus poemas e narrativas e, por fim, o romancista e contista Henrique de Senna Fernandes. Fernandes é o mais conhecido no mundo lusófono desse pequeno grupo de escritores macaenses, devido em parte ao facto de os seus dois romances, *Amor e Dedinhos de Pé* (1986) e *A Trança Feiticeira* (1993) terem sido adaptados para o cinema em Portugal e na China. Um pouco como os seus contemporâneos nascidos em Portugal, grande parte do que escreveu foi publicada durante os anos da transição. O que torna este autor único é a sua visão muito pessoal da mentalidade macaense, comunidade que ele conhece intimamente, sendo ele próprio de uma velha família de Macau. A sua ficção é caracterizada pelo realismo social mas com enredos essencialmente românticos e fins felizes, um pouco no estilo de Júlio Dinis ou de Dickens. Ao mesmo tempo, a narrativa de Fernandes constitui a expressão mais evidente de um desejo de comunicar uma identidade macaense escrita no clima de ansiedade que prenunciava a transferência da soberania, preocupação com a identidade que se manifestou através de outras formas culturais como por exemplo as artes plásticas, a gastronomia, o renascimento do teatro em 'patuá', em que o filho deste autor, Miguel de Senna Fernandes, desempenhou um papel fundamental, e nos poemas de Carolina de Jesus, publicados no livro, *Mergulho de Alma* (1997). Daí também ser a literatura macaense, de certa forma, uma literatura de circunstância.



Como é evidente, não podemos especular sobre o futuro da literatura macaense em língua portuguesa a longo prazo, além de dizer que dependerá das

LITERATURA

actividades de indivíduos que escolham essa língua de preferência a outra. A existência de uma comunidade lusófona e de instituições educacionais e culturais que promovam o português serão cruciais para a continuação dessa tradição literária. Por enquanto, a tradição ensaística, ligada à imprensa lusófona que ainda existe em Macau, mantém-se através do trabalho de intelectuais macaenses como o escritor, pintor e desenhista, António Conceição Júnior, filho mais novo de Deolinda da Conceição e de António Conceição, jornalista da geração de 50, o arquitecto e também poeta, Carlos Marreiros, e veteranos do jornalismo como Leonel Barros e ensaístas como Jorge Rangel. Podemos incluir também jornalistas portugueses radicados em Macau como Carlos Morais José, Helder Fernando, Ricardo Pinto, José Rocha Dinis e João Fernandes. O único escritor oriundo da



China que escreve em português é o poeta Yao Jingming, autor de duas colecções de poesia publicadas em Portugal, *Nas Asas do Vento Cego* (1990) e *A Noite Deita-se Comigo* (2001), e co-autor com Jorge Arrimar de um livro publicado em Macau, *Confluências* (1997). Yao, que é professor de português na Universidade de Macau nasceu em Beijing, tendo trabalhado no serviço diplomático da China em Portugal antes de se fixar em Macau. Tal como Fernanda Dias, cuja poesia reflecte uma forte influência da literatura e arte chinesas, Yao Jingming

trouxe algo da tradição lírica portuguesa: uma profunda identificação, por exemplo, com a poesia de Eugénio de Andrade, que traduziu para chinês. Estes dois poetas contemporâneos parecem sintetizar o papel de Macau como lugar de encontro entre o Sul da China e o Sul da Europa. **RC**

BIBLIOGRAFIA

- Brookshaw, David, *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature: Border Gates*. Lewiston & Lampeter, Edwin Mellen Press, 2002).
- Cabral, João de Pina & Lourenço, Nelson, *Em Terra de Tufões. Dinâmicas da Etnicidade Macaense*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 1993.
- Cheng, Christina Miu Bing, *Macau: a Cultural Janus*. Hong Kong, Hong Kong University Press, 1999.

- Cheng Wai Ming, "Literatura chinesa de Macau entre os anos oitenta e os princípios da década de noventa", in *Administração*, 29, Vol. VIII, 3.º, pp. 501-523.
- Duarte, Margarida, "O lugar de todas as ficções", *Cadernos de Macau/Expresso*, Lisboa, 23/12/1995, p. 5.
- Laborinho, Ana Paulo, "Por uma literatura de Macau", in *Antologia de Poetas de Macau* (Org. de Jorge Arrimar e Yao Jingming). Macau, Instituto Camões/Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, 1999, pp. 17-21.